

O lunfardo

Luciano Maia

A capital portenha, embalada por sucessivas e massivas ondas de imigração, desde o início do século XIX e por praticamente toda a primeira metade do século XX, recebeu muita gente, vinda principalmente da Itália (genoveses, napolitanos, milaneses, venezianos...) e da Espanha (Buenos Aires é a maior cidade galega em termos populacionais), além de outros aportes europeus. Essa mistura de falas, aliada a uma marginalidade (natural, aliás, em cidades em formação, mas já contando com um contingente populacional expressivo) deu lugar ao surgimento de um jargão muito especial em Buenos Aires: o *lunfardo*, um código lingüístico marginal, particular, mescla de léxico espanhol platino com termos e expressões dos falares desses povos imigrados, contando ainda com um pitadinha de português do Brasil e também das línguas nativas. O lunfardo não é considerado uma língua na acepção que os lingüistas costumam conferir aos códigos lingüísticos. Há no lunfardo palavras que são, simplesmente, o revés de termos do espanhol e de outras línguas, como é o caso de *jermu*, *gotan*, *choma*, *ispa*, nada mais do que *mujer*, *tango*, *macho*, *país*. Mas há, também, um léxico formado espontaneamente, resultado dessa marginalidade a que nos referimos. Há uma literatura lunfarda. Em Buenos Aires são numerosos os escritores que publicaram obras nesse jargão., como é o caso de Ivan Diez (pseudônimo de Augusto Martini), autor deste que é um dos mais famosos sonetos de sua lavra.

Amablemente

Ivan Diez

La encontró en el bulín y en otros brazos.
Sin embargo, canchero y sin cabrearse,
Le dijo al gavilán: “puede rajarse,
El choma no es culpable en esos casos.”

Al quedarse bien solo con la mina,
Buscó las alpargatas y, ya listo,
Murmuró cual si nada hubiera visto:
“Cebáme un par de mates, Catalina.”

La grela, jaboneada, le hizo caso.
El tipo, saboreándose un buen faso,
La siguió chamuyándole pavadas.

Y luego, besuqueándole la frente,
Con toda educación, amablemente,
Le fajó treinta y cuatro puñaladas.

Amavelmente

Ivan Diez

Tradução e adaptação: Luciano Maia

Flagrou-a em seu barraco em outros braços.
No entanto, bem tranqüilo nesta hora,
disse ao rival: “tu podes ir embora,
o macho não tem culpa nesses casos.”

Encontrando-se a sós com sua mina,
calça os chinelos, calmo, e depois disto,
murmura, qual se nada houvesse visto:
“me traz um café quente, Catarina.”

A moça, apavorada, já o prepara.
Acendendo um cigarro, então o cara
lhe diz frases à toa, adocicadas.

E beijando-lhe a fronte, suavemente,
com toda educação, amavelmente,
mandou-lhe trinta e quatro punhaladas.